**Gestão da Mudança – Aula 2**

**Mudança e Aceleração Social**



**O paradoxo da poupança de tempo**. Toda a sobre-utilização de uma tecnologia apostada em reduzir o tempo dedicado a uma actividade, considerada central, acaba por conduzir a um uso superior de tempo. Este paradoxo fica a dever-se ao facto de qualquer nova tecnologia permitir elevar o trivial à categoria de importante. Considere-se o email como forma de reduzir o tempo dedicado à correspondência, mas que tarde ou cedo resulta num maior volume de horas dedicado às tarefas comunicacionais. Uma segunda possibilidade resulta dos efeitos de massa ou de compactação que derivam de um número crescente de utilizadores para avenidas ou suportes tecnológicos fortemente limitados. A infraestrutura não acomoda o aumento exponencial de utilizadores, o que resulta em congestão e perda de velocidade. Numa sociedade obcecada com a poupança (metáfora financeira aplicada à sociedade) podem-se gerar consequências contra-intuitivas. A disponibilidade de maior informação para a realização de uma tarefa só contribui para a redução do tempo dedicado a essa actividade até um determinado limiar para além do qual a sobre-informação anula os benefícios da disponibilidade, dadas as necessidades de selecção, triagem e eliminação para as quais não existem critérios claros.

**Muitas das rotinas de poupança de tempo não têm qualquer feito na disponibilização de mais minutos para o quotidiano**. A poupança de tempo, quando se verifica, tende a não contribuir para o aumento do tempo de lazer, mas para a dedicação a novas actividades não necessariamente lúdicas. As tecnologias de libertação do tempo apenas têm o condão de libertar para novas escravaturas. O resultado da híper-tecnologização é também a fragmentação de actividades e a redução do quotidiano a expressões limitadas e curtas. Mais do que o primado da aceleração vive-se o primado da velocidade e a radicalização do efémero em sociedades onde a gama de atenção é limitada e a disponibilidade para a continuidade e permanência é baixa. Das relações às profissões e aos modos de vida, tudo se pauta pela redução a instantes e a uma necessidade sensorial de experimentar mais e mais, sem constrangimentos ou limitações. O triunfo da lógica do “fast and new”. Tal tendência pode ser encontrada em ajuste com a metáfora da moda. Podem os espaços de resistência ser caracterizados por neo-romantismo ou mesmo por expressão luddita? A oposição à velocidade é necessariamente anti-tecnológica? Falta de tempo para reflectir e estudar corresponde a uma necessidade de decisão e a uma aversão radical ao procrastinar (vide os cursos que se criam para gerir o tempo e para melhor o utilizar, numa repetição à exaustão da ideia de que “tempo é dinheiro”). Do mundo académico (publish or perish) à vida empresarial não se pode confiar em quem adia, ou demora. Mesmo as tão propaladas criatividade e inovação parecem resultar mais de serendipismo do que de reflexão activa.

**A constante sensação de pressa e a angústia socialmente criada para qualquer exercício de perda de tempo**. Há como que uma culpabilidade do vazio de actividade. Procurar constantemente ter algo para fazer. Os smartphones como forma de combater o vazio – surgem frequentemente como um substituto funcional para o cigarro – ter algo a que se agarrar. A fragmentação da realidade permite também destruir o mito do trabalho acabado, tudo é um “work in progress” ou uma versão de algo que nunca estará inteiramente acabado. Trata-se de uma sociedade dominada pelo provisório e pelo reversível. Embora os dias continuem a ter 24 horas, a tecnologia permite esticá-los de alguma forma. Uma das principais intervenções nesse sentido é a substituição de um mundo de tarefas sequenciais por um mundo de tarefas paralelas. O chamado multitasking permite que desenvolvamos várias actividades ao mesmo tempo, sabendo que o nível de concentração exigido por cada uma delas é distinto. Raramente, as tarefas exigem uma total dedicação, permitindo que desenvolvamos uma linha principal e várias acessórias. A um segundo nível, o dia pode esticar se conseguirmos obter informação, ao mesmo tempo que usamos a tecnologia acelerante que nos facilita a visão de um programa de 4 horas em apenas 1 hora. A gravação com reproduções aceleradas que eliminam publicidade, tempos mortos ou fases aborrecidas, estabelecem um efectivo ganho temporal não negligenciável. Resta saber se o recurso a estas estratégias não tem mesmo o condão de nos transformar através de um processo socio-biológico. Será que não pensamos já de forma diferente? O aborrecimento, o tradicional *ennui* ou acedia, volta em força já não como traço de uma classe social, mas como descritor de uma sociedade avançada. Cada um procura escapar à melancolia e ao demónio do aborrecimento que resulta obviamente de ter demasiado tempo livre. Há que eliminar todos os vazios temporais que são produtores, como no passado medieval, dos piores dos vícios. A hipótese de viver menos em vidas mais longas, no sentido em que as experiências se pautam por inúmeras repetições. Uma sociedade pode ter mais informação e ser menos informada; ter mais opções e menos escolhas; ser mais instruída e ter menos conhecimento; estudar mais e saber menos; ter mais controlo médico e menos saúde. Muitas das mudanças contemporâneas fixam-se nestes paradoxos.

**A obsolescência é uma das consequências óbvias de uma sociedade de velocidade que enaltece o efémero**. A lógica dominante é a lógica da desactualização constante e a aceitação da mesma. A obsolescência reduz o tempo de validade da tecnologia, mas também dos arranjos sociais. As retóricas dominantes implicam uma aceitação e um enaltecimento do novo e da inovação, cujo contrariar equivale a uma certeza de resistente à mudança ou impenitente conservadorismo. Séries de mitos que encontram o seu correlato no universo organizacional – eficiência, produtividade, flexibilidade, adaptabilidade, resiliência, etc. Existe a aceitação do efémero e da preparação para curtas durações, substituições rápidas de produtos. A mudança deve ser acolhida de braços abertos como se fosse completamente despolitizada ou não produzisse efeitos negativos. Uma sociedade de informação tem de ser dominada por uma ideia de velocidade. As necessidades de comunicação, consensualização e de coordenação continuam a exigir reuniões onde se perde mais e mais tempo, mesmo quando se realizam sem a presença física dos intervenientes. A redundância e o ruído são outras formas de introduzir limites à aceleração social. O valor adicional de nova informação é decrescente na sociedade de informação e o seu custo (se contabilizado em tempo) não é negligenciável. A importância dos filtros sociais e tecnológicos para o excesso de quase tudo. As estratégias da redução e da síntese que se instalam – a via seguida pelos “management sumaries”. A estratégia da concentração numa área ínfima de actividade ou de saber, o que pode implicar trivialidade e absurdo. A estratégia da diagonal – lê-se ou vê-se com atenção limitada ou dividida, confiando-se na capacidade de captar o mais importante. A estratégia da confiança – dar a outros a possibilidade de escolha. A cultura da velocidade e dos recordes. O frenesim e a excitação da velocidade. O paroxismo da rapidez.

**A velocidade e as transformações do corpo**. Dromoscopia e blitzkrieg. Novas formas de pensar, de agir e de repousar, graças ao enaltecimento da velocidade. O instantâneo e o simultâneo produzem novas formas de agir e interagir. Patologias e distúrbios do corpo passam a estar associados à velocidade e às cargas exigidas – burnout, stress, mas também os efeitos múltiplos no sono e seus perfis – onde, quando e como se dorme. A impossibilidade de manter o ritmo da vida quotidiana – mito ou realidade. Pode-se comparar as transformações actuais com as transformações do passado? São as exigências contemporâneas maiores? Reflexões sobre aceleração relembram as discussões de há 100 anos sobre os problemas da anomia e alienação em sociedades industriais – isolamento, falta de enquadramento moral, ausência de direcção, sentimentos de perda. Presença simultânea de ideias de privação e de sobrecarga ou inundação. Do mesmo modo, podemos sentir-nos omnipotentes, por vezes e impotentes, noutras ocasiões. Síndromes diversos sobre o corpo que se distinguem por géneros – intra orientados no caso feminino; extra orientados no caso masculino. A síndrome Dorian Gray – a vertigem do tempo e os desejos de juventude. A sociedade acelerada gera múltiplas indústrias que retardam envelhecimento, ajustam os corpos e transformam as mentes. Desordens alimentares, auto-mutilação, suicídio, violência, depressão como sintomas de uma nova sociedade? Efeitos ao nível das identidades e dos critérios de beleza. Hiatos crescentes entre desejos e realidade. Criações de necessidades, aspirações, desejos e sonhos que serão difíceis de alcançar, mas que têm o condão de ser geradores de maior aceleração auto-sustentável. A sensação de ubiquidade e de ligação ou disponibilidade constantes têm óbvios efeitos nos corpos.

**Compactação do Espaço e do Tempo**. Há uma necessidade de desenhar novos mapas que dêem sentido às novas percepções de distância e de uso do tempo. Paralelamente, a aceleração desenha também novas geografias de acessibilidade e de contiguidade. Graus de separação geográfica e social tendem a reduzir-se com a aceleração social. Considerar os efeitos tecnológicos sobre a velocidade de transportes, não deixando de levar em linha de conta que nalguns casos, já não existe propriamente aceleração – nem na introdução de novos modelos nem na velocidade de circulação. Para além das questões tecnológicas, existem questões de segurança, custo e de massa que podem limitar os aumentos de velocidade tecnologicamente alicerçados. A viciação da velocidade encontra um contraponto nas rotinas sociais de estabilização e desaceleração. A velocidade não se liga apenas a formas de redução de distância ou possibilidades de aumentar ou sofisticar a produção. Existe também uma dimensão propagandística da velocidade – vide o uso dos Silberpfeil pelo Terceiro Reich. A velocidade gera ansiedade e reduz o tempo de vida útil de uma mundo-visão. As mobilidades podem ter-se reforçado com algumas transformações sociais, mas medidas políticas podem invertê-las, o mesmo se podendo dizer relativamente à aceleração do capital.

**Alguns tópicos para discussão**: fast food, 24/7, real time, breaking news, just in time, online, flexibility, speed dating. Existe contradição entre o tempo acelerado da sociedade capitalista e o tempo reflexivo de uma democracia? Todas as áreas sociais aceleram?

**Algumas sugestões de leitura:**

Eriksen, Thomas Hylland (2001), *Tyranny of the Moment: Fast and Slow Time in the Information Age*, London, Pluto Press.

Gerisch, Benigna (2009), “The Body in Times of Acceleration and Delimitation”, *Time & Society*, 18:2-3, 373-386.

Hassan, Robert (2009), *Empires of Speed: Time and the Acceleration of Politics and Society*, Leiden, Brill.

Hope, Wayne (2011), “Crisis of temporalities: Global capitalism after the 2007-08 financial collapse”, Time & Society 20:1, pp. 94-118.

Hsu, Eric L. (2013), “The Sociology of Sleep and the Measure of Social Acceleration”, *Time & Society*, 0:0, 1-23.

Rosa, Hartmut e Scheuerman, William E. (eds) (2009), *High-Speed Society: Social Acceleration, Power and Modernity,* Philadelphia, Penn State University Press.

Scheuerman, W. E. (2004), *Liberal Democracy and the Social Acceleration of Time*, Baltimore, MD, Johns Hopkins University Press.

Warf, Barney (2008), *Time-Space Compression: Historical Geographies*, London, Routledge.